



AFROFUTURISMO E TECNOCORPOS: uma leitura semiótico-discursiva de imagens geradas por IA na formação crítica

Fábio dos Santos Coradini¹, Silvane Aparecida Gomes²

¹Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, fabiocoradinic@gmail.com

²Universidade Federal de Minas Gerais, silvanenet@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa os efeitos de sentido produzidos por uma imagem afrofuturista gerada por Inteligência Artificial (IA) no contexto de uma atividade formativa com estudantes de graduação das áreas de Letras e Pedagogia. A proposta insere-se no campo da cultura digital crítica e adota como referencial a Semiótica Discursiva, com foco nos níveis de significação fundamental, narrativo e discursivo, além de incorporar elementos da semiótica visual contemporânea, especialmente no que se refere à iconicidade, à plasticidade e à performatividade do corpo nas imagens digitais. A atividade pedagógica consistiu na leitura coletiva do capítulo “Obambo”, do romance *O Último Ancestral*, de Alê Santos, seguida da análise colaborativa de uma imagem gerada por IA inspirada na narrativa. A imagem, que representa um casal negro em trajes híbridos – simultaneamente ancestrais e futuristas –, é tomada como tecnocorpo, ou seja, como uma instância visual que articula dimensões do desejo, da memória e da identidade negra no presente e no porvir. A análise revelou que a IA, embora limitada na apreensão da diversidade cultural real, pode funcionar como dispositivo de ativação crítica de imaginários afrodiaspóricos, desde que mediada por práticas ético-discursivas e pedagogicamente orientadas. A leitura discursiva da imagem permitiu tensionar os modos como valores como ancestralidade, espiritualidade e ciência são figurativizados por meio de oposições estruturantes e estratégias enunciativas específicas. Ao propor o Afrofuturismo como horizonte metodológico e epistêmico, o estudo evidencia seu potencial para o desenvolvimento de letramentos racial, digital e semiótico em contextos formativos. Conclui-se que o uso de imagens geradas por IA na educação pode fomentar debates sobre autoria, ética e representação, desde que integradas a metodologias críticas que valorizem saberes plurais e promovam reexistências visuais e discursivas.

Palavras-chave: Afrofuturismo, Inteligência Artificial Generativa, Semiótica Discursiva, Letramento Crítico, Tecnocorpos.



1. Introdução

A Semiótica Discursiva, desenvolvida a partir dos trabalhos de A. J. Greimas (2008), oferece um arcabouço teórico robusto para a análise da construção de sentidos nos discursos, operando em três níveis articulados: o fundamental, que trata das estruturas profundas de valor e das oposições semânticas que sustentam o sentido; o narrativo, que estrutura os papéis temáticos, os programas de manipulação e os contratos entre sujeitos; e o discursivo, onde as formas figurativas e enunciativas ganham expressão concreta na superfície do texto ou da imagem.

Esse modelo teórico permite compreender como os discursos visuais gerados por Inteligência Artificial ativam, tensionam ou naturalizam valores simbólicos em contextos educativos. No campo da visualidade, a Semiótica Discursiva articula-se com os estudos de Dondero *et al.* (2024), que atualizam a semiótica visual com base em categorias como iconicidade, plasticidade, performatividade e agência do corpo na imagem digital. A análise do corpo visualizado – sobretudo de corpos negros mediados por IA – requer uma atenção à figurativização, à materialidade simbólica da imagem e à sua dimensão afetiva e discursiva, considerando o corpo como lugar de enunciação e memória. Nesse contexto, o Afrofuturismo aparece como uma perspectiva estética, filosófica e política que não apenas projeta futuros especulativos centrados em sujeitos afrodiáspóricos, mas também revisita passados apagados, promovendo uma reconfiguração da memória coletiva.

Autoras como Lu Ain-Zaila (2019) e Alê Santos (2023) evidenciam que o Afrofuturismo, ao articular ancestralidade, tecnologia e resistência, constitui-se como espaço de reexistência simbólica e crítica dos imaginários coloniais. Quando posto em diálogo com imagens geradas por IA, o Afrofuturismo permite problematizar como esses imaginários são apropriados, deslocados ou ressignificados.

Essa interface entre Semiótica Discursiva, Afrofuturismo e IA demanda uma abordagem interseccional, que considere as imbricações entre discurso, tecnologia, racialização e subjetividade. Trata-se de entender a imagem digital não como



representação neutra, mas como enunciado ideológico e sensível, passível de crítica, leitura e reapropriação no contexto formativo.

A Metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade. Neste espaço você irá delinear sua pesquisa, de forma dissertativa, inserindo as informações de como se procedeu a pesquisa.

2. Metodologia

A presente pesquisa adota os pressupostos da ciberpesquisa-formação, conforme formulada por Nelson Pretto e desenvolvida por Edméa Santos (2014, 2019), que propõe a articulação entre investigação, prática pedagógica e construção colaborativa de conhecimento em contextos mediados por tecnologias digitais. Essa abordagem, de natureza qualitativa e interventiva, parte do princípio de que os sujeitos da pesquisa não são apenas fontes de dados, mas coconstrutores dos sentidos produzidos no processo. Nesse modelo, o pesquisador atua também como formador, e a prática educativa se configura como espaço legítimo de produção de conhecimento situado. A atividade formativa que deu base à pesquisa foi realizada em um encontro do Clube de Leitura Afrofuturista, envolvendo cinco estudantes dos cursos de Letras e Pedagogia de uma universidade pública.

A proposta se desenvolveu em três etapas principais: leitura coletiva do capítulo “Obambo”, do livro *O Último Ancestral* (Santos, 2023); exibição e análise colaborativa de uma imagem gerada por IA, produzida a partir de um prompt textual inspirado no conteúdo literário; e, por fim, preenchimento de um questionário com perguntas abertas sobre estética, ética, autoria, ancestralidade e representação. O encontro teve duração de duas horas e foi mediado pelo autor da pesquisa.

A imagem utilizada foi gerada por uma ferramenta de IA generativa com base em um prompt construído junto aos participantes, de forma dialógica e situada. O objetivo era provocar a reflexão crítica sobre os modos de representação negra em



ambientes digitais automatizados. Durante a dinâmica, foram registrados discursos orais (mediante gravação autorizada), comentários escritos e respostas aos questionários. Esses dados compuseram o corpus de análise. A interpretação do material foi orientada pela Semiótica Discursiva (Greimas, 2008), em articulação com a semiótica visual (Dondero *et al.*, 2024), considerando os níveis fundamental, narrativo e discursivo. Buscou-se identificar os mecanismos de enunciação, figurativização e valorização ativados na leitura da imagem. A imagem foi interpretada como “tecnocorpo”, um corpo imagético híbrido entre ancestralidade e futuridade, cujo potencial simbólico e discursivo ativo memórias, afetos e projeções críticas dos participantes. O enfoque metodológico, assim, permitiu observar como sujeitos em formação podem articular leitura estética e ética diante de dispositivos tecnológicos, operando deslocamentos simbólicos e epistêmicos em suas interpretações visuais.

3. Análise e Discussão

A imagem gerada por Inteligência Artificial, analisada no contexto da atividade formativa, apresenta um casal negro em um gesto de beijo, envolto por uma ambientação estética que mescla elementos futuristas, como circuitos e próteses tecnológicas, e traços ancestrais, como vestimentas tradicionais, tranças e adornos rituais. A composição visual está centrada no gesto afetivo, o qual adquire função simbólica e discursiva de grande relevância, operando como um enunciado visual de reexistência.

No nível fundamental da análise, segundo a Semiótica Discursiva, identificou-se uma oposição estruturante entre dois sistemas de valores: de um lado, a ancestralidade, a espiritualidade e os saberes afrocentrados; de outro, a racionalidade técnica, o controle e a estética ocidentalizada da tecnologia. Essa oposição não se apresenta como dicotomia excludente, mas como articulação híbrida, tensionada, que permite a emergência de um terceiro espaço simbólico: o



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

do tecnocorpo, que ressignifica o corpo negro como lugar de mediação entre passado e futuro.

No nível narrativo, observa-se a construção de um programa de valorização da afetividade, da memória e da identidade negra, em que o casal não apenas representa uma relação íntima, mas protagoniza uma ação enunciativa carregada de agência simbólica. O gesto do beijo é performático, não apenas afetivo, mas político, reafirmando a presença e a dignidade de corpos negros nos imaginários digitais.

No nível discursivo, a imagem configura-se como território de inscrição de múltiplos sentidos: os corpos são figurativizados como paisagem semiótica e afetiva, portadores de signos que evocam resistência, beleza, desejo e espiritualidade. No entanto, os participantes também apontaram limites importantes: a tendência da IA à padronização estética e à reprodução de traços eurocentrados revelou tensões entre diversidade e homogeneização cultural. A imagem, assim, foi compreendida como um dispositivo ambíguo, ao mesmo tempo potencialmente emancipador e sujeito a apropriações estereotipadas.

4. Considerações Finais

Este estudo evidencia que o uso pedagógico de imagens geradas por Inteligência Artificial pode se constituir como estratégia formativa poderosa, capaz de fomentar práticas críticas de leitura visual, discursiva e ideológica, especialmente quando mediado por referenciais afrodiaspóricos e semióticos. A experiência no Clube de Leitura Afrofuturista demonstrou que, ao serem colocados em contato com uma imagem tecnicamente produzida, mas simbolicamente carregada, os estudantes foram capazes de mobilizar conhecimentos prévios, afetos e repertórios culturais na construção de sentidos sobre ancestralidade, identidade e representação negra.

A articulação entre Semiótica Discursiva, semiótica visual e literatura afrofuturista permitiu a identificação de camadas profundas de significação, desvelando tanto as potências quanto os limites da IA na criação de imaginários. O



corpo negro figurado como tecnocorpo revelou-se um dispositivo discursivo potente, capaz de performar reexistência, desejo e memória, mas também suscitou críticas importantes quanto à padronização estética e à superficialidade de algumas representações.

Portanto, destaca-se a necessidade urgente de políticas educacionais e culturais que considerem os impactos éticos, raciais e epistemológicos das tecnologias emergentes. As imagens geradas por IA não devem ser vistas como neutras ou meramente ilustrativas, mas como enunciados ideológicos que exigem mediação crítica e formação docente comprometida com a justiça social e a diversidade.

5. Referências

DONDERO, Maria Giulia; CASTRO, Gustavo H. R. de; SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira; PEREIRA, Daniervelin. *Semiótica da inteligência artificial: análise computacional de grandes bases de dados e geração automática de imagens*. Revista Estudos Semióticos, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 29-54, set./dez. 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p29-54>. Acesso em: 23 mai. 2024.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Ática, 2018.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Do sentido: estudos semióticos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

KABRAL, Katiúcia Ribeiro. *Afrofuturismo: estética negra contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2014.

LU AIN-ZAILA. *Sankofia: breve história da ficção científica afrofuturista*. São Paulo: Malê, 2019.

SANTOS, Alê. *O último ancestral*. São Paulo: HarperCollins, 2023.

SANTOS, Edméa Oliveira. *Ciberpesquisa-formação: epistemologias e métodos*. São Paulo: Cortez, 2014.

UNESCO. *Recomendação sobre ética da inteligência artificial*. Paris: UNESCO, 2024.